

A PROPÓSITO DA ENTREVISTA DE DONALD MELTZER

Gilberto Safra*

* Psicanalista,
Professor da
Pós-graduação
do Instituto de
Psicologia da
USP e da
Pontifícia
Universidade
Católica - SP.

Penso ser fundamental considerar a experiência estética na constituição da subjetividade humana. Meltzer, tendo como vértice o referencial kleiniano, há alguns anos vem enfatizando a importância desse fenômeno para a comunidade psicanalítica internacional.

Na situação clínica, é freqüente o aparecimento de situações em que o paciente experimenta vivências estéticas que parecem ser significativas na evolução psíquica do analisando. Trata-se de uma ocorrência que independe do tipo de quadro psicopatológico apresentado pelo paciente. Mesmo aqueles analisandos de funcionamento mental bastante primitivo são tocados pela beleza.

Analisei durante alguns anos um rapaz (na época do episódio que vou relatar ele tinha 16 anos) com diagnóstico de autismo, que estava em tratamento desde os 4 anos de idade. Fui o seu segundo analista. Suas sessões eram povoadas com ecolalia, balanceio de corpo. Sua fala parecia estereotipada, pois repetia monotonamente as mesmas palavras de seu reduzido repertório.

Certa vez, disse algo a ele, e ele como de costume repetiu a minha fala. De repente, percebi algo que nunca tinha notado antes: **ele repetia as palavras que tinham sido ditas a ele, mas em um outro perfil sonoro.** Repeti, em seguida, apenas o perfil sonoro que ele havia anteriormente emitido. Esse procedimento modificou

profundamente a situação transferencial. Ele me olhou nos olhos, sorriu, bateu palmas e pulou alegremente por alguns minutos. Dirigiu-se a mim, novamente, emitiu um outro perfil sonoro e olhou-me em expectativa. Repeti a melodia. Outra vez, ele sorria, pulava, batia palmas chorando de contente.

Essa experiência repetiu-se inúmeras outras vezes na situação clínica e também em sua casa. A análise progrediu, possibilitando que ele sáísse de seu autismo.

Observei que a experiência de reconhecimento de si no outro, o reflexo especular fornecido pelo outro abriu a possibilidade de que o paciente encontrasse a si mesmo, ao mesmo tempo em que encontrava o outro, tudo acompanhado por vivência estética tanto do paciente quanto do analista. A beleza inaugurava a possibilidade de existir.

Lembrei-me da experiência de Helen Keller, quando ela associa pela primeira vez a palavra “água” com o objeto “água” com a ajuda de sua professora. Em sua biografia, ela nos diz que a partir daquele momento *“soube então que á-g-u-a significava o algo maravilhoso e frio que escorria sobre a minha mão. Aquela palavra viva despertou-me a alma, deu-lhe luz, esperança, alegria, libertou-a!”* (apud Langer, p. 72).

Estamos diante de fenômenos psíquicos que iniciam o sujeito na experiência de ser, para poder existir. Repetir o perfil sonoro que o rapaz emitia era ecoar a sua existência. O terrível é que emitir um som sem que ele jamais tenha sido ecoado é perder-se em espaços infinitos que aniquila qualquer registro da vida psíquica – é o não-ser.

Ecoar a sua sonoridade é também possibilitar que o paciente encontre, ou reencontre, a sua criatividade primária – estabelecimento do objeto subjetivo que dá ao paciente a condição de encontrar o gesto criador, o suporte para o estabelecimento da pulsão.

Langer (1941) nos diz: *“Se, agora, seus atos audíveis suscitam ecos no ambiente – isto é, se seus pais lhe respondem – há um aumento de experiência; pois o bebê parece reconhecer, gradualmente, que o som que lá ocorre, e lhe chega, é o mesmo de sua lalação. Trata-se de uma abstração rudimentar; por esta mesmice, torna-se cômico do tom, o produto de sua atividade, que lhe absorve o interesse. Repete o referido som de preferência a outro. Seu ouvido efetuou primeiro julgamento. Um som (tal como da-da, ou má-má, provavelmente) foi concebido e sua difusa consciência de vocalização cede lugar à consciência aparentemente de um vocábulo.”* (p. 131)

A experiência estética anuncia o emolduramento de aspectos fundamentais do *self* do paciente, que aguardavam em potencialidade a possibilidade de vir-a-ser. A experiência estética é, por essa razão, um rico sinalizador para o analista do lugar em que o *verdadeiro self* vive em estado de crisálida. O aparecimento dessas experiências surge através da sonoridade, como no caso relatado, outras pela imagem, pelo texto, pela palavra potencialmente poética, por elementos que apresentam o estilo de ser, funções ou aspectos do *self* do analisando.

De meu ponto de vista, essa experiência é isenta de conflito, desde que haja um real espelhamento por parte do outro, condição necessária para o surgimento da ilusão constitutiva do *self*. Acredito que o conflito estético ocorra naquelas situações em que a mãe não pôde suportar ser criada pelo seu bebê invadindo o espaço existencial do bebê com a alteridade antes que o bebê tenha condições de lidar com essa experiência de um ponto de vista mental. Trata-se de mães que aprisionam o bebê em uma vivência de fascínio sedutor, impedindo que o bebê tome posse de sua criatividade primária e de seu desejo, posteriormente. A única saída para essas crianças é o desenvolvimento precoce das funções mentais para controlar a sedução paralisadora da mãe. Aqui vamos encontrar o aparecimento do conflito estético em que o bebê, cativado pela beleza da mãe, precisa pesquisar o interior dela, a fim de localizar-se perante as intenções maternas. A mãe aqui é um objeto ambíguo que atrai por sua beleza, mas aterroriza porque rouba o bebê de seu ser.

Considero que Meltzer enfoca a questão da experiência estética pelo ângulo da psicopatologia. A descrição que ele faz do bebê nos apresenta uma criança já com uma vida mental extremamente desenvolvida, já lidando com o objeto não-eu para poder dar conta do seu terror do objeto estético. Não houve aqui o fenômeno de ilusão que dá ao bebê as experiências fundantes de seu *self*. Houve, sim, uma experiência de invasão da criatividade primária do bebê. De fato, muitos pacientes apresentam o tipo de conflito descrito por Meltzer, mas a relação com o objeto estético muda radicalmente quando a análise é conduzida tendo em vista a necessidade que o paciente tem de constituir o objeto subjetivo.

Um paciente de 36 anos trazia uma situação psíquica em que a estética parecia ser fundamental. Havia preocupação intensa com a aparência, sofria imensamente se nascia uma espinha em suas costas. Fazia constantes reformas em seu apartamento para que ficasse mais

bonito. Viajava para fotografar e filmar os lugares para poder depois mostrar as belas imagens aos conhecidos. Andava com a fotografia de sua mãe no bolso, pois a achava muito linda, era grande a sua satisfação de mostrá-la para as pessoas, para que elas concordassem com a sua opinião a respeito de sua mãe.

Era um mundo extremamente plástico que o aprisionava em uma situação terrível. Ele nunca alcançava a beleza. Vivia terrores freqüentes povoado por fantasias hipocondríacas e de morte. Algo parecia estar sempre pondo em perigo a beleza de seu mundo. Ao longo da análise, fomos percebendo juntos que, de fato, ele estava morto há muito tempo. Não se tratava do medo de uma morte iminente, mas o terror de descobrir-se morto sem esperança de poder vir a existir algum dia. Havia construído uma personalidade fictícia segundo o desejo materno, com o emparelamento do menino cheio de vitalidade. A beleza roubava-lhe a sua vida.

Havia temores paranóides quanto à intenção dos outros para com ele, e o terror de vir a ser excluído do convívio com as pessoas.

A análise desses diversos elementos levou muito tempo, até que fosse possível tentar uma nova experiência na transferência. Isso se deu em um período de regressão, em que a dependência do analista era grande, o paciente ousou trazer um vaso de violetas para que o analista usasse em seu consultório. A oferta do presente foi acompanhada por medo de ser rejeitado e humilhado. Temia que seu gesto fosse destituído de qualidades positivas.

O vaso foi colocado na janela junto de outros, o que o deixou satisfeito. O significado mais consciente parecia ser colaborar com o ambiente do analista, de um ponto de vista mais profundo era um temor que a oferta de estar junto do analista pudesse ser encarada como algo desprezível ou até mesmo como um ataque à privacidade do analista. Relacionava-se transferencialmente com um objeto narcísico e auto-suficiente que não suportava seu gesto criador e/ou reparador.

Aproximadamente dois anos depois, disse em sua sessão que ao chegar no consultório havia observado as violetas floridas na janela e que ao cair da tarde achou tudo muito terno e ficou grato por estar vivo. Em seguida, felicita-me por eu ter violetas na janela. Agradeço lembrando a ele que um dos vasos de violetas floridas era o que ele tinha me ofertado. Fica surpreso e emocionado porque havia esquecido do presente violeta que ele havia me dado. Nesse momento,

presenciamos o aparecimento da experiência estética pelo reencontro do seu gesto criador e de seu *self*. Era possível contribuir com a beleza do mundo.

Penso ser importante mantermos discriminados a experiência estética como fundante do estado de ilusão, do impacto estético fruto do fracasso da ilusão. A psicanálise teve durante anos como objeto de investigação a psicopatologia, o que parece ter nos levado muitas vezes a ter como referência fundamental o patológico, afastando-nos da ocorrência dos diferentes fenômenos psíquicos em sua positividade e em sua normalidade. Parece que um dos nossos “calos” profissionais é acreditar que a negatividade da experiência humana é o critério de realidade, enquanto os aspectos normais ou positivos da experiência humana seriam frutos de apreensão romântica da realidade.

Como a piada do paciente que continuamente afirmava que tinha um jacaré debaixo de sua cama, apesar de seu analista sempre interpretar o seu relato como um fenômeno de alucinação. Até que o paciente não mais comparece às sessões porque havia sido comido pelo jacaré. Gostaria de lembrar que algumas vezes, de fato, há um vaso na janela.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

Langer, S - *Filosofia em Nova Chave* (1941). São Paulo: Perspectiva, 1989.